
Música no espaço público: o caso do *gospel* evangélico em ônibus de São Gonçalo¹

Arianni Souza Brito
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Por meio desta comunicação, trazemos a proposta de debate sobre um dos aprofundamentos possíveis do tema da música no espaço público brasileiro. Trata-se da presença da música no espaço dos ônibus, onde uma diversa gama de indivíduos compartilha parte considerável de sua vida cotidiana. Neste intuito, analisaremos as circunstâncias nas quais se dá a presença de expressões musicais do gênero *gospel*, que tem alcançado crescente repercussão em nossa cultura. Tal análise será baseada em observação de viagens, entrevistas e conversas com passageiros e motoristas de ônibus de São Gonçalo, localizado na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVES: música; espaço público; transporte público; ônibus; *gospel*.

Introdução

O município de São Gonçalo, localizado na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, é bastante abordado pelas pesquisas acadêmicas que tratam de mobilidade urbana. Isto ocorre devido ao intenso deslocamento que parte considerável de seus cidadãos necessitam despender de ônibus, para acessar melhores oportunidades de trabalho nos municípios vizinhos, como Niterói. Portanto, é de se supor que gonçalenses de diversas gerações tem passado muitas horas de sua rotina cotidiana (e de suas vidas), compartilhando os ambientes dos ônibus com desconhecidos.

Incursões preliminares nos permitiram constatar a presença preponderante da música *gospel* evangélica nesses ambientes, seja por meio da entoação vocal ou do acionamento de dispositivos sonoros, tanto pelos passageiros quanto pelos motoristas e vendedores ambulantes. Tal presença reflete o crescimento da influência do cristianismo evangélico em várias esferas da sociedade brasileira nos últimos anos, sendo que, diversos estudiosos acreditam que a valorização e instrumentalização da música, dentro

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

e fora das igrejas, constituem alguns dos alicerces de sustentação dessa base de crescimento. No âmbito do espaço público, os meios de transporte são ambientes onde a presença do *gospel* evangélico pode ser observada em sua ocorrência cotidiana.

Diante deste contexto, objetivamos analisar as formas e circunstâncias nas quais a música *gospel* se apresenta em ônibus de São Gonçalo e suas possíveis implicações na comunidade que compartilha o espaço destes veículos.

Metodologia

Para a análise referida no parágrafo anterior, realizaremos uma pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica, e que inclua observação participante de viagens, entrevistas individuais, e conversas informais com passageiros e motoristas – de caráter espontâneo ou não.

A observação será realizada em ônibus que façam o trajeto São-Gonçalo/Niterói, ou vice-versa, devido ao maior tempo de duração das viagens intermunicipais, em relação à duração das viagens dentro de um mesmo município. E, quanto aos indivíduos com os quais se travará contato para as entrevistas e as conversas, o único critério de inclusão é que estes sejam usuários das linhas que fazem o mencionado trajeto ou trabalhem nelas.

Análise, principais resultados, e contribuições da pesquisa

Trabalhos anteriores e nossas pesquisas preliminares tem constatado que a música no ônibus provém de fontes diversas, sendo elas tanto orgânicas quanto inorgânicas. Conforme suas necessidades de expressão, os indivíduos que participam da comunidade transitória que utiliza aqueles veículos como meio de transporte podem acionar seus dispositivos vocais e/ou dispositivos eletrônicos.

Especificamente em relação à música *gospel* e em relação à sua presença em ônibus de São Gonçalo, pode-se verificar algumas peculiaridades. Além do caso de passageiros “compartilharem” ou “deixarem vazar” os repertórios de seus celulares ou caixas de som, lá também é bastante comum os motoristas “sonorizem” o ambiente com a escolha do repertório de estações como a carioca Rádio Melodia 97.5 FM (maior rádio *gospel* do país), para ecoar através do sistema de som interno. Vendedores ambulantes, que eventualmente embarcam, também podem contribuir para a disseminação do *gospel*, utilizando a entoação de hinos e louvores em suas performances de venda.

Acreditamos que os passageiros adotem três posturas diversas em relação a experiência da música *gospel* imposta ao ambiente. São elas: os indivíduos estão abertos a ela, porque possuem uma opinião prévia favorável à religião evangélica e/ou ao gênero musical; eles ignoram ao máximo a música, ou constroem uma “bolha sonora” ao redor de si, utilizando seus celulares e fones de ouvido (De Sá, 2011, p.1); ou relativizam mais este incômodo e tentam aproveitar a experiência da melhor forma possível, com o fim de se distraírem da viagem maçante (Da Costa Trotta, 2020).

Por fim, ressaltamos que a pesquisa é de suma relevância para o estudo do gênero *gospel*, que pode estar atuando como um dos elementos mais importantes do *soft power* da doutrina evangélica e pode estar alcançando um *status* elevado perante o senso comum, por fazer parte da identidade da figura de um imaginado “cidadão de bem”. Este cidadão, parte do ideário da direita brasileira, supostamente deteria como principais características ser honesto, trabalhador e “família”; características que atestariam a superioridade moral dos fãs deste gênero em relação aos funkeiros ou aos pagodeiros, por exemplo, que deteriam características comportamentais opostas.

Fundamentação Teórica

No cotidiano das cidades, o transporte coletivo estende a muitos o direito de dispersão e heterogeneização, ao criar um espaço de contato entre os viajantes, realizando a mistura caracteristicamente urbana em um microcosmo. Essa “fuga”, envolveria o deslocamento físico, “[...] mas não só ele, porque sempre se pode ir de um ponto a outro levando sua bíblia. Implica ir para não reconhecer; é a viagem da diferença que realiza a própria aventura da cidade” (SILVA, p.18-20).

Durante nossas jornadas, os sons e as músicas são experienciados por nossos corpos e, queiramos ou não, despertam nossos afetos. Por um lado, muitos de nós podemos recorrer cotidianamente à música, como parte de um repertório de estratégias para lidar com o estresse, “[...] gerar prazer, criar ocasiões e afirmar a identidade própria ou de um grupo” DENORA (2000, p.16). Já, por outro lado, apesar da inevitável onipresença da música e de seu propósito “[...] em muitos lugares ser para minimizar o ambiente confuso da vida pública contemporânea, a falta de controle sobre o que está sendo reproduzido provavelmente irritará” (DA COSTA TROTTA, 2020, p.10).

Os moradores de São Gonçalo lidam com o acréscimo deste incômodo, durante o longo período que necessitam despender em seu movimento pendular, para acessar melhores oportunidades de trabalho e estudo em outros municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro. Tal necessidade remonta ao declínio industrial e econômico daquela outrora conhecida como a “Manchester Fluminense”, bem como à opção pelo transporte rodoviário, promovida por agentes imobiliários e empresários de ônibus proprietários de terras. Segundo levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010, 31% dos gonçalenses ocupados gastavam 52 minutos no deslocamento casa-trabalho (MIHESSEN et al., 2014).

Para observarmos e analisarmos as dinâmicas que se dão neste tipo de ambiente, recorreremos a procedimentos etnográficos. Conforme Silva (2019), as pesquisas do campo da comunicação tem muito a se beneficiar com a etnografia, método que se desenvolveu na antropologia. Como método-pensamento, permite compreender processos sociais e culturais por meio de arranjos heterogêneos, nos quais “[...] os regimes de sentido não cessam de se acoplar a componentes não discursivos (se quisermos, com materialidades de toda ordem, histórica, social, política, etc.)” (SILVA, op.cit., p.8).

Neste processo, a observação participante, sua técnica mais emblemática, permite a convivência com o grupo, imprescindível para o pesquisador conseguir apreender as sutilezas do fenômeno. Isto, porque, no “campo”, o etnógrafo aprende ao entrar em contato com a perspectiva e as palavras do outro, em uma proximidade, tanto fértil quanto problemática.

Joane Passaro (1997) nos alerta para as dificuldades do projeto etnográfico, chamando a atenção para noções relativas ao “campo”. Para ela, uma “antropologia da liberação” requereria desafios contínuos de nossas próprias práticas de objetivação. Dentre seus conselhos, estão: ter em mente que o campo que vamos analisar é caótico, porque assim são as cidades pós-coloniais; que podemos ter muito em comum com as pessoas que vamos analisar; e que as pessoas que são o oposto das que vamos analisar também fazem parte da nossa análise.

No campo, em nosso caso, também estamos expostos às práticas musicais da cultura religiosa evangélica, e poderemos constatar o quê De Carvalho, De Castro Lopes e Nobre (2021) apontam em “Um estudo sobre relações intertextuais entre textos bíblicos e canções *gospel*”. Nele, as pesquisadoras demonstram que muitas composições

do segmento decorrem de processos de adaptações de histórias ou trechos conhecidos da Bíblia. Segundo elas (2021, op.cit. p.15):

As análises evidenciaram que, quer seja por retomada total das histórias ou apenas por referência ou alusão a personagens e trechos, os processos intertextuais marcam fortemente o segmento evangélico, no qual o estudo bíblico é constantemente realizado. A recorrência ao artifício intertextual se presta a dois objetivos: o primeiro de caracterizar a comunidade discursiva que consome esse tipo de texto, no sentido de se produzir discursos cujos temas sejam pertinentes a esta comunidade. O segundo tem viés ‘pedagógico’, uma vez que, mediante passagens das canções, são recontados e reinterpretados trechos de eventos bíblicos, de forma que a comunidade discursiva evangélica se aproprie, também, das mensagens do evangelho por via das canções.

A respeito do *gospel* como gênero musical, nos valem das visões de Simon Frith, Simone Pereira de Sá e Jeder Janotti Jr.. Para o primeiro, o gênero é “[...] uma maneira de se definir a música em seu mercado ou, alternativamente, o mercado em sua música” (FRITH, 1996, p.76). Já para os dois últimos, “[...] longe de serem definitivas ou imanentes ao universo musical, a discussão demonstra que a noção de gênero musical supõe conflitos, negociações e rearranjos sucessivos” (DE SÁ E JANOTTI JR., 2019, p.130). Ao realizar considerações sobre a produção e o consumo da música em questão, Olívia Bandeira e Michel Nicolau Netto (2017, p. 270-271) abordam a discussão nos seguintes termos:

De um lado, como um fenômeno próprio de um mercado que, portanto, é produzido em relação a outros tantos fenômenos desse mesmo mercado. Ou seja, ao mesmo tempo em que o *gospel* se insere em uma racionalidade do mercado de música, nele também se diferencia, concorre com outros gêneros, cria seus próprios circuitos, etc. De outro lado, a música *gospel* está também inserida em uma sociedade mais ampla, na qual os agentes que com o *gospel* se relacionam estão produzindo sentido, se relacionando socialmente. Essa perspectiva nos leva a observar a dimensão do consumo do *gospel* para notar como ele se relaciona com a produção de subjetividades, tanto quanto com a unificação e classificação dos agentes no campo religioso.

O termo “*Gospel*” se originou nos Estados Unidos, e lá é comumente utilizado para classificar a música religiosa moderna (ou Contemporary Church Music/CCM). No Brasil, o *gospel* remonta aos anos 1950 e 1960, quando os pentecostais romperam com a hinologia vigente, e introduziram ritmos e estilos mais populares nas canções, cujas melodias e letras eram de fácil assimilação. A autora ressalta que a música é um dos elementos que configuram o fenômeno cultural *gospel*, já que “a música dá sentido

a esse modo de vida religioso não como simples expressão litúrgica, mas como mediação do sagrado. Na cultura religiosa *gospel*, por meio da música pode se chegar a Deus e até mesmo se tornar como Deus” (DO NASCIMENTO CUNHA, 2007. p. 87).

Como vemos, a música é muito importante para o campo religioso, já que suas produções possibilitam a compreensão da religião e das relações que a mesma mobiliza na sociedade. Uma relação que está sendo bastante discutida já há alguns anos é a do pentecostalismo com a “Teologia do Domínio”, que se tornou um dos pilares dessa tradição, nas últimas décadas. A noção de “batalha espiritual”, atualizada desde os primórdios do cristianismo ocidental, é uma das características mais marcantes desta ideologia. Outras doutrinas e práticas do pentecostalismo em nosso país são a crença de que Deus se comunica com o povo, para expor suas vontades e distribuir dons e conselhos, assim como a intervenção divina no cotidiano (ROSAS, 2015).

O conjunto de igrejas evangélicas presentes atualmente no Brasil é formado basicamente por três tradições, que chegaram e prosperaram em diferentes períodos de nossa história. Protestantes históricos (Igrejas Anglicana, Luterana, Congressional, Metodista, Adventista, etc.) pertencem às igrejas surgidas imediatamente à Reforma Protestante; podem ser considerados mais discretos e intelectualizados. Os pentecostais (Congregação, Assembleia de Deus, Movimento Missionário Norte-americano) chegaram ao país no início do século XX; e podem ser caracterizados pela disciplina aos princípios do texto bíblico, postura modesta, e incorporação de aspectos sobrenaturais à experiência religiosa. (SPYER, 2020)

Entre as décadas de 1950 e 1970, protestantes históricos realizaram um “reavivamento” de suas congregações, para reverter a perda de adeptos para as pentecostais (surgem as Igrejas do Evangelho Quadrangular, Brasil pra Cristo, Deus é Amor, Nova Vida, etc.). Neste intuito, há a incorporação de algumas de suas práticas e de técnicas de gestão profissional, o que seria o embrião da terceira tradição: o neopentecostalismo. Os neopentecostais (Igrejas Renascer, Maranata, Universal, Da Graça e Do Poder de Deus) promovem a ideia de culto exuberante, com emoção e interação, bem como uma lógica meritocrática e a busca de sucesso material (SPYER, op.cit.).

Diante desta diversidade de denominações, em boa parte da literatura, há uma série de desacordos sobre a classificação dos seguidores da religião originada pela Reforma Protestante. Um longo processo histórico, que abrangeu efeitos conjunturais,

possibilitou que o termo contemplasse todas as igrejas filiadas à tradição reformista. O termo “evangélico”, em nosso contexto atual, adequa-se à identificação religiosa dos seguidores das igrejas reformadas e pentecostais, devido à característica geral de adotarem atitude “evangelizadora” e “propagadora” de uma leitura do Novo Testamento (MAFRA, 2001)

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Olívia. **Música *gospel* no Brasil - reflexões em torno da bibliografia sobre o tema.** *Religião & Sociedade*, v. 37, p. 200-228, 2017.

_____. NETTO, Michel Nicolau. **As racionalidades do mercado religioso: considerações sobre produção e consumo da música *gospel*.** *Revista de Ciências Sociais: RCS*, v. 48, n. 1, p. 269-302, 2017.

BLACKING, John. **Música, cultura e experiência.** *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 16, n. 16, p. 201-218, 2007.

BROOKE, James. **Pragmatic Protestants Winning Converts in Brazil.** *The New York Times*, 4 jul. 1993. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1993/07/04/world/pragmatic-protestantswinning-converts-in-brazil.html>. Acessado em: 19 ago. 2023.

CANIATO, Bruno; DA SILVA JOSÉ, Benedito; DALL’AGNOL, Laísa. **O que explica multiplicação de templos evangélicos no Brasil.** *Veja*, 21 jul. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/igrejas-evangelicas-multiplicam-templos-e-expandem-influencia-politica#:~:text=H%C3%A1%20basicamente%20tr%C3%AAs%20motivos%20a,explica%20boa%20parte%20do%20fen%C3%B4meno>. Acesso em: 19 ago. 2023.

DE CARVALHO, Ana Paula Lima; DE CASTRO LOPES, Shara Lylian; NOBRE, Kennedy Cabral. **Um estudo sobre relações intertextuais entre textos bíblicos e canções *gospel*.** *COLINEARES*, v. 8, n. 1, p. 110-125, 2021.

DE LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação.** *Intexto*, p. 14-23, 2018.

DENORA, Tia. **Music in everyday life.** Cambridge university press, 2000.

DO NASCIMENTO CUNHA, Magali. **A explosão *gospel*: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.

FRITH, Simon. **Performing rites: On the value of popular music**. 1. ed. Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

JANOTTI, Jeder; SÁ, Simone Pereira de. **Revisitando a noção de gênero musical em tempos de cultura musical digital**. Galáxia (São Paulo), p. 128-139, 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Obra com a primeira introdução.

MIHESSEN, Vitor; MACHADO, Danielle Carusi; PERO, Valéria. **Mobilidade urbana e mercado de trabalho na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Revista da ABET, v. 14, n. 2, p. 310- 327, 2014.

PASSARO, Joanne. **You can't take the subway to the field!": "Village" epistemologies in the global village**. Anthropological locations: Boundaries and grounds of a field science, p. 147-162, 1997.

PEREIRA DE SÁ, Simone. **Ando meio (des) ligado? Mobilidade e mediação sonora no espaço urbano**. In: E-compós. 2011.

ROSA, Daniel Pereira. **De cidade-dormitório à centralidade da grande cidade periférica: trabalho, consumo e vida de relações de São Gonçalo na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. 2017. 297 p. Tese. (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

ROSAS, Nina. **"Dominação" evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono**. Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar, v. 5, n. 1, p. 235-235, 2015.

SEEGER, Anthony. **Etnografia da música**. Cadernos de Campo (São Paulo-1991), v. 17, n. 17, p. 237-260, 2008.

SILVA, Janice Caiafa Pereira E. **Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação**. Questões Transversais, São Leopoldo, Brasil, v. 7, n. 14, 2019.

_____. **Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro**: Editora FGV, 2016.

SPYER, Juliano. **O Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. 1. ed. São Paulo: Geração Editora, 2020.

TROTTA, Felipe. **Música contra o tédio**. Virtual. Apresentação de Trabalho. Anais do, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, Edição 43., 2020.

_____. **Annoying Music in everyday life**. Bloomsbury Publishing USA, 2020.